O Castelo do Rei Falcão

Cárlisson Galdino

de maneira que sugira que estes concedem qualquer aval a você ou ao seu uso da obra).

- **Uso não-comercial** - Você não pode usar esta obra para fins comerciais.

- **Compartilhamento pela mesma licença** - Se você alterar, transformar ou criar em cima desta obra, você poderá distribuir a obra resultante apenas sob a mesma licença, ou sob uma licença similar à presente.

CÁRLISSON BORGES TENÓRIO GALDINO

Cárlisson Galdino nasceu em 1981 no município de Arapiraca, Alagoas, sendo Membro Efetivo da Academia Arapiraquense de Letras e Artes (ACALA) desde 2006, com a cadeira de número 37, do patrono João Ribeiro Lima.

Poeta, contista e romancista, possui um livro de poesias publicado em papel, além de dois romances, duas novelas, diversos contos e poesias publicados na Internet, em seu sítio pessoal: http://www.carlissongaldino.com.br/.

Como cordelista, iniciou publicando o Cordel do Software Livre, que foi distribuído para divulgação dos ideais desse movimento social.

Bacharel em Ciência da Computação pela Universidade Federal de Alagoas, onde hoje trabalha, é defensor do Software Livre e mantém alguns projetos próprios. Host

do podcast sobre política e notícias Politicast: http://politicast.info/.

Literatura de cordel é um tipo de poesia popular especialmente no Nordeste brasileiro. Tradição de Portugal, os livretos deste tipo de poesia eram vendidos em feiras, pendurados em barbante (ou cordel).

O cordel O Castelo do Rei falcão é escrito em sextilhas (estrofe de seis versos), metrificados em oito sílabas poéticas. Capa de Evelyn Borges.

2012

O CASTELO DO REI FALCÃO

No alto daquela montanha
Havia um lindo castelo
Lugar de coisas impossíveis
E lar de um povo tão singelo
Jardim de eterna primavera
De paz e tudo o que há de belo

No alto daquela montanha
Moravam o Rei e a Rainha
Tão jovens e bem humorados
E tudo que essa terra tinha
Por esses dois, justos e alegres
Era bom, só ventura vinha

No salão daquele castelo
A festa estava acontecendo
Quando chegou uma criada
Buscando a rainha querendo
Anunciar a novidade
E ao vê-la foi logo dizendo

Rainha, trago uma notícia
Que tão feliz-feliz me fez
E vai animar todo mundo
Olha esse papel, desse mês!
Veio lá do laboratório
Parabéns pela gravidez!

A rainha não se conteve

Logo se danou a chorar

Pois era esse um sonho antigo

O que faltava no seu lar

Há tanto esperando por isso

Por fim ia realizar

O Rei feliz ergueu a taça

E disse a todos presentes

Hoje é um dia especial

É muita alegria pra gente

Vamos brindar a essa criança

Que minha rainha traz no ventre

E toda a noite foi feliz

Como sempre, com muita paz

Com essa bela novidade

Na doçura que a noite traz

Dormiram e sonharam muito

Que logo eles seriam pais

Mas ninguém naquele castelo

Nem de longe desconfiou

De um homem frio e traiçoeiro

Que nem sorriu e nem chorou

Pois esse sonho destruía

Seu sonho de ser imperador

E logo amanheceu o dia
E esse homem não dormiu
Pensando em um plano perverso
Aquela criatura vil
Para derrubar o casal
Que era sempre tão gentil

Pior que aquele sujeito
Não pensou mais nenhum segundo
Saiu porque ele já sabia
Que naquele vale profundo
Vivia um monstro estranho
Dos mais perigosos do mundo

Descendo nas frestas da noite
Movido pela ambição forte
Pela cobiça sem medida
Para mudar a própria sorte
Chegou naquela terra escura
Que exalava o cheiro da morte

Gritando, ele falou assim
Ó monstro da sombra Graní
Eu vim do alto da montanha
E sei que você está aí
Te dou pedaço da minha alma
Pois tenho um favor a pedir

E num grito que estremeceu

O homem, uma voz ligeira

E grave como um trombone

Lhe disse: não fale besteira

Não faço acordo com mortal

Que não seja de alma inteira

O homem suspirou bem fundo

E com a voz quase sumida

Falou: eu quero muito isso

Se você quer minha alma e vida

Pode levar nesse acordo

Mas quero um tempo dessa vida

A voz galopou novamente

Dando coices no seu ouvido

E disse: pois então tá bem

Vamos falar do seu pedido

E eu digo o que posso fazer

E os anos que terás vivido

Aquele homem tão cruel

Com aquela alma penada

Fazia um acordo sombrio.

Na cama pouco iluminada

Dormiam o Rei e a Rainha

No castelo sem saber nada

Num ritual do mais sinistro

O homem pegou um falcão

Prendeu numa jaula de vidro

Com velas, óleo e maldição

Entre espelhos e sangue humano

Escondeu tudo no porão

E o tempo passou no castelo

E tudo parecia bem

A rainha sentindo dores

Bem mais do que as gestantes têm

E não saia mais da cama

E todos sofriam também

Ao completarem oito meses

A Rainha com dores fortes

Gritava clamando na cama

Os gritos de quem vê a Morte

A cama se banhou de sangue

No seu ventre se via o corte

Enquanto a Rainha morria

Nascia, para grande espanto

Diante do Rei e criados

Enrolado num rubro manto

Um monstro infantil horroroso

Jamais visto em um outro canto

A criança não tinha mãos

Os braços pareciam asas

Os seus joelhos distorcidos

E pés terminando com garras

Seus olhos redondos, gigantes

E negros como a madrugada

Cabeça clara e careca

Como cabeça de bebê

O choro que ele fazia

Fez todo mundo estremecer

No lugar de boca, ele tinha

Um bico: mas que estranho ser!

O Rei em pouco enlouqueceu
Mandaram o bebê embora
Por medo do pequeno monstro
Simplesmente jogaram fora
E aquele homem tão malvado
Virou o rei naquela hora

O tempo passou no castelo
No alto daquela montanha
O novo rei era um tirano
Que na dor dos outros se banha
E o povo não tinha alegria
Sofria uma crise tamanha!

Todo mundo passava fome
Era comum haver motim
Mas quando havia, eram pegos
E mortos, era sempre assim
Miséria que não acabava
Impostos que não tinham fim

Vivendo nessa triste vida
Sem nem saber o que é viver
Quem é que pode condenar
Alguém que rouba pra comer
Que nem adolescente é
E criança cansou de ser?

Era uma menina bem nova
Já em roubos e falcatruas
Maltrapilha, sem nenhum trato
Como uma menina de rua
Ninguém se importava com ela
Seus pais são cada um na sua

Um dia aquela tal menina
Por inocência e precisão
Terminou roubando galinha
Do castelo do Rei e então
Passou ela a ser procurada
Pelos soldados da prisão

Seu pai, sabendo do perigo

Que a filha agora já corria

Teve medo que ela morresse

Pois embora não parecia

Trazia o coração de um pai

Que com o risco se afligia

E disse: filha, agora basta

Olha onde você se meteu

Não faz sentido a tal da morte

Te levar primeiro que eu

Você sempre viveu bem solta

E a se virar sei que aprendeu

O rei está com muita raiva
Não sei do que ele é capaz
Por isso pra que você viva
Só uma solução se faz
Você fuja para a floresta
E nunca mais olhe pra trás

Os dois se abraçaram tanto
E se banharam em choradeira
Ela viu no seu pai carinho
Que nunca antes percebera
Entendeu que para viver
Era mesmo a única maneira

E assim ela juntou um pouco
De tudo o que ela podia
Levar, aí esperou atenta
Na hora que a noite caia
Correu do castelo à floresta
Jurando retornar um dia

E na selva ela aprendeu
A viver como os animais
A fugir das garras da fome
E caçar como o lobo faz
Distante daquele castelo
E tudo de mal que ele traz

Correndo um dia na floresta
Ainda era muito cedo
Ela terminou se perdendo
Num labirinto de arvoredo
E sem ter mais saída viu
A cara mais firme do Medo

Em sua mão só uma faca
Feita co'uma pedra lascada
Na sua frente via um monstro
Uma gigante águia penada
Parecia querer ser gente
De medo ela ficou parada

A vida passou nos seus olhos
Como uma retrospectiva
Enfim ela criou coragem
E para continuar viva
Segurou a faca com força
Mas ouviu uma voz altiva

Não faça isso, pobre criança
Um velho chegava ao local
E falou: não mate esse ser
Como se fosse um animal
Ele tem uma alma humana
E não quer fazer nenhum mal

Ainda sem perder o medo
Sem saber se ia confiar
No velho, aquela menina
Andou de lado devagar
Sem tirar os olhos do monstro
Que ficou no mesmo lugar

E disse ainda: Ó criança
Não seja uma menina fria
E ela analisando o monstro
Com olhos atentos o via
E ao fitar por fim os seus olhos
Notou a dor que ele trazia

Nem passou tanto tempo assim

E logo ela fez amizade

Com esse pássaro estranho

Tinham quase que a mesma idade

E por dentro, ela viu que os dois

Se pareciam de verdade

O monstro não falava nada

Mas os dois sempre se entendiam

Ele voando nas alturas

E ela nas plantas, e assim iam

Vivendo os anos sem saber

Que a Morte e a Dor logo viriam

Os anos foram se seguindo

O velho cuidava dos dois

Os dois com quase dezessete

Juntos, como feijão e arroz

Um dia, o monstro estando fora

O velho a chamou e depois

Falou: minha cara criança

Sinto que já me falta o ar

A vida é mesmo muito boa

Mas um dia tem que acabar

E antes que eu vá embora

Preciso uma coisa falar

E contou que ele era o Rei
De outros tempos tão felizes
Da morte da linda Rainha
Da criança e das cicatrizes
Que isso deixou no castelo
Foi quando começaram as crises

E como veio o novo rei
Sem que se abalasse por nada
E ele próprio, tido louco
Já tinha uma cova cavada
E ele fugiu pra floresta
Pra criar a alma condenada

O monstro, o seu próprio filho
E ela disse: Há algo errado
Esse novo rei que chegou
Vivia sempre lado a lado
Com o Rei e com a tragédia
Foi o único beneficiado

E o velho franziu sua testa
E disse: então você pensa
Que ele tem culpa nessa história
Da minha dor e decadência?
Pode até ser, mas isso hoje
Já não faz menor diferença...

Ao final da mesma semana
A tristeza anunciada
Bateu naquela porta ansiosa
Sem querer saber de mais nada
Levando o velho, deixou os dois
Sozinhos em sua jornada

Não sabiam o que fazer
Mais uma semana de luto
E o tempo que ia passando
Aquela moça sem estudo
Pensava naquela história
E bolou um plano astuto

Chamou o monstro numa noite

E disse: Nós faremos isto

Me leve naquele castelo

Discretamente sem ser visto

Que eu vou resolver essa história

De qualquer jeito, eu não desisto

E foi assim que eles fizeram

Acharam onde o rei dormia

Por ali ela se escondeu

E lá ficou por todo o dia

E tudo o que o rei lamentava

Bem escondida ela ouvia

E ele falava do tapete

Da cor que não tava legal

Falava de matar pessoas

De aumento do imposto real

E falava da solidão

Mas nada do monstro afinal

De noite ela voltou pra casa

Que tarefa mais cansativa!

Frustrada por não ter ouvido

A desejada narrativa

Mas teve logo uma ideia

Para uma nova tentativa

E disse: Já sei o que houve
Não adianta eu estar junto
Não posso ficar toda a vida
Com risco de virar defunto
Eu tenho que dar o meu jeito
De fazer ele ir nesse assunto

Por isso, amigo de asas
De dia cace um falcão
Iremos amanhã de novo
Levando essa ave na mão
E a soltaremos no castelo
Pra atiçar a Recordação

E foi que na noite seguinte

Partiram eles novamente

Para fazer tudo de novo

Mas só um pouco diferente

O falcão solto no castelo

Deu susto em todos de repente

O dia passou e o rei

Não falou nada de importante

A jovem retornou com raiva

E disse ao monstro: um instante!

Se um falcão não deu resultado

Agora vou ser ignorante

Na outra noite eles chegaram
E foram espalhar ligeiro
A carga desse novo plano
Bem mais gritante que o primeiro
Soltar os dezesseis falcões
Nas salas do castelo inteiro

E dessa vez não foi em vão
Todo mundo estava assustado
Falavam da tal maldição
Cochichando por todo lado
E ela por lá, sem ser notada
Colhia esse resultado

O rei sequer abriu a boca
Banhado de preocupação
Andou bem rápido dali
Correu direto pro porão
A jovem não viu o que houve
Não arriscou ir junto não

Mas à noite ela aproveitou
E antes de vir seu amigo
Voando lhe levar de volta
Ela desceu até o abrigo
Do porão que o rei tinha visto
Sem temer mais nenhum perigo

E ao chegar lá, se espantou

Ao ver a jaula sobre o chão

Não se via o que tinha dentro

Mas tinha som de assombração

E ela seguiu em silêncio

Como gata na escuridão

Pela brecha viu que lá dentro

Um pássaro estava preso

E ela abriu a jaula e viu

O olhar do falcão aceso

Ele saiu voando louco

E, apesar de tudo, ileso

O espelho tinha algo sinistro
Como se ali se visse um vulto
De alguém: mulher ou um menino
E ela quebrou num golpe bruto
O espelho, que era a prisão
Criada lá no antigo culto

O rei se contorceu na cama
 rompimento estava feito
Sentia seu corpo em chamas
Apertava com força o peito
E viu entrar pela varanda
Aquele que é o Rei de direito

Tão logo pousou na varanda

Sentiu que agora estava exposto

Do jeito que realmente era

Com braços, pernas e com gosto

Sem penas, com pelo e cabelo

Sem bico, na cabeça um rosto

O jovem, a cara do pai

Correu com uma fúria antiga

Pelo castelo só gritando

Em busca daquela sua amiga

E o povo acordava e dizia

É o príncipe! Não há quem não diga!

Os dois se encontraram na sala
E se espantaram de repente
Se conheceram um no outro
E trocaram um beijo ardente
À volta, o povo se juntava
Sorria como antigamente

No alto daquela montanha
Há um castelo em ascensão
Com festas e fartos tesouros
Uma alegre população
De bela Rainha plebeia
E de um Rei que já foi falcão